

**FACULDADE TECNOLÓGICA SENAC FLORIANÓPOLIS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS, CULTURA E CRIAÇÃO**

**CLARICE MAGEDANZ DALL ACQUA**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE DO CORPO**

**FLORIANÓPOLIS  
2009**

**CLARICE MAGEDANZ DALL ACQUA**

**MEMÓRIA, IDENTIDADE DO CORPO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação apresentado à banca examinadora da Faculdade Tecnológica Senac Florianópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação.

**Orientadora: MSc. Maria Lucila Horn**

**FLORIANÓPOLIS**

**2009**

**CLARICE MAGEDANZ DALL ACQUA**

## **MEMÓRIA, IDENTIDADE DO CORPO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação apresentado à banca examinadora da Faculdade Tecnológica Senac Florianópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação.

Aprovado em 16 de junho de 2009.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Maria Lucila Horn - Orientadora  
**Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis**

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Jacqueline Keller - Examinadora  
**Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis**

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Lidiane Goedert – Coordenadora Pedagógica  
**Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis**

***Ao querido e amado Ivan Dall Acqua  
e a minha família pelas lembranças memoráveis.***

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus por ter-me dado saúde, força e trabalho para concluir mais esta etapa da minha carreira, oportunizando conviver com pessoas especializadas em arte;

Ao meu pai (em memória), exemplo de pessoa persistente;

A minha mãe que me ensinou a amar e valorizar cada pessoa em sua essência;

Ao meu esposo pelo apoio e incentivo, tanto emocional quanto familiar e um agradecimento mais que especial à professora Maria Lucila Horn, pelo conhecimento e aprofundamento em arte poética, pelas horas de orientação.

E também agradecer a professora Jacqueline Keller pelo incentivo da pesquisa de materiais alternativos que gerou este trabalho de conclusão.

***“Memória é história, a memória compõe nossa identidade. É por intermédio da memória que construímos nossa história. Ao construir a memória construímos a lembrança, que para existir precisa do outro e necessita ser compartilhada”.***

(Franklin Espath Pedroso)

## RESUMO

O tema desta monografia é identificar a importância do corpo como menção da memória na construção da identidade dentro de uma história resgatada no processo da memória de uma poética em arte. O resgate da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo a partir de objetos vividos, expressivos, carregados de memória. Este processo reivindica novas leituras sobre o corpo como relicário, a poética tem como assunto inicial o corpo sagrado, tratado como relíquia, possuindo uma identidade construída na memória. Assim, construímos uma identidade através do corpo. Para isso é necessário que não deixemos de lembrar, ir em busca das raízes, das origens, do âmago da sua história. As referências são os trabalhos de Leonilson, Fernanda Magalhães e Arthur Barrio, possuindo os temas enriquecedores para desenvolvermos o processo criativo na poética de Identidade / memória e a cultura de esquecimento, atuando em dois importantes campos produtores e receptores de sentido: identidade e corpo através dos tempos. Para o processo criativo o suporte sendo o tecido lençol deixamos a impressão do corpo, expressão do visível. Reflexo do corpo, da alma, personalidade, o jeito de viver. O lençol é espelho Corpo, sentimento, sacramento, um relicário. No espelho olho vejo um corpo. Acontecimentos. Marcas da vida em um lençol uma memória revisitada e folheada em um livro corpo.

**Palavras-chave:** Corpo. Arte. Memória.

## ABSTRACT

This monograph theme summary is to identify the importance of the body as a reference to the memory in the construction of identity within a story rescued in memory of a poetic art. The memory recall is due to construction of a consistent identity of a particular people suffered from objects, expressive loaded from memory. This process is claiming new readings on the body as reliquary, poetics is sacred body initial issue, treated as identity relic, having a built in memory. Thus, we built an identity. For we do not let us recall go in search of roots, of the origins of the heart of its history. References are Leonilson work, Fernanda Magallanes and Arthur Barrio, provoking issues have to develop the creative process in poetic identity/memory and culture of oblivion, acting in two important fields producers and recipients of meaning: identity and body over time. For the creative process being fabric support underground are leaving the impression of the body, visible expression. Reflection of the body, soul, personality, the way of life. The water is mirror body, feeling, Sacramento, a reliquary. In the mirror eye can see a body. Events. Trademarks of life in a sheet clad revisited and memory in a book body.

**Key word:** Body. Art. Memory.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>10</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 CORPO E IDENTIDADE / MEMÓRIA.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Corpo e memória no processo de criação.....</b>	<b>26</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>50</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01.</b> Arthur Barrio Livro de Carne (1978/1979).....	13
<b>Figura 02.</b> Santo Sudário.. Fonte: José Resende.....	15
<b>Figura 03.</b> Santo Sudário 313 d.c. 2000 anos. Fonte: catolicaNet.com.....	16
<b>Figura 04.</b> Imagem de Fernanda Magalhães Performance Ação/ Ações.....	18
<b>Figura 05.</b> Imagem de Fernanda Magalhães Performance Ação/ Ações.....	18
<b>Figura 06.</b> Imagem de Fernanda Magalhães Performance Ação/ Ações.....	19
<b>Figura 07.</b> Imagem fotográfica do livro: Capa do livro, 2009.....	26
<b>Figura 08.</b> Gigante com Flores, 1992. Bordado s/ lençol. Col. Projeto Leonilson.....	27
<b>Figura 09.</b> Imagem fotográfica da Capa do Livro, 2009.....	32
<b>Figura 10.</b> Imagem fotográfica do Corpo com marcas, 2009.....	34
<b>Figura 11.</b> Fotografia da Capa do Livro: Corpo Memória e identidade.....	35
<b>Figura 12.</b> Fotografia da 1ª Página do livro: Certidão do Nascimento.....	36
<b>Figura 13.</b> Imagem da Fotografia da 2ª página Infância.....	37
<b>Figura 14.</b> Imagem da Fotografia da Infância Brincada.....	38
<b>Figura 15.</b> Fotografia do Ritual Lembrança do meu pai.....	38
<b>Figura 16.</b> Imagem fotografada da Página sobre Identidade.....	39
<b>Figura 17.</b> Imagem fotografada da Página sobre Identidade.....	39
<b>Figura 18.</b> Imagem fotografada da Página sobre Corpos Familiares.....	40
<b>Figura 19.</b> Imagem fotografada da página do corpo profissional.....	41
<b>Figura 20.</b> Imagem fotografada da página da repetição juramento.....	42
<b>Figura 21.</b> Imagem Fotografada da Página Matrimônio.....	43
<b>Figura 22.</b> Imagem fotografada do corpo: Hino ao amor cristão.....	44
<b>Figura 23.</b> Imagem Fotografada: Auto-retrato.....	45
<b>Figura 24.</b> Rios de Palavras, 1987. Leonilson Acrílica sobre lona 196,0x103, 0 cm.....	46

## 1 INTRODUÇÃO

*“No tecido lençol ficou a impressão do corpo, expressão do visível. Reflexo do corpo e metaforicamente minha alma, personalidade, o jeito de viver. O lençol é espelho Corpo, sentimento, sacramento, um relicário. No espelho me olho vejo meu corpo”. (Clarice M. Dall Acqua, 2009).*

Esta pesquisa em poética visual tem como objetivo desenvolver uma experiência criativa trabalhando a arte do corpo como relicário buscando identidade através da memória. A trajetória iniciou-se em uma prática onde a proposta era desenvolver um trabalho tomando como ponto de partida uma questão relacionada ao corpo, e que pudesse refletir os significados que atribuímos ao corpo, refletindo a importância que o corpo tem nas artes visuais, não somente como tema e objeto, mas também como essência de sentidos que propicia todas as experiências espaciais e temporais.

Este processo reivindicava novos conceitos e novas leituras sobre o corpo como relicário, com a seguinte argumentação: De que maneira representar o corpo a partir de materiais expressivos, desenvolvendo assim uma poética do corpo, tendo como ponto inicial o corpo sagrado, um relicário, possuindo uma identidade construída na memória?

Pensando nisso, vem a reflexão: qual a importância do corpo, de conhecer o corpo, de buscar identidade em um processo criativo em arte usando o próprio corpo? A partir daí desenvolve uma poética sobre o próprio corpo impresso em um lençol, objeto este do contexto cultural do meu cotidiano. A escolha do artista como sujeito da pesquisa se deu a partir do reconhecimento de sua importância no meio das artes e da necessidade de interagir com o memorial de sua vida, novas expressões artísticas. A prática consiste em fazer a impressão do corpo frente e costas em tecido linho/algodão cru; depois recortá-lo em partes ou fragmentando-o pedaços, para remontá-lo em um formato de um livro do corpo.

A escolha do artista como sujeito da pesquisa se deu a partir do reconhecimento de sua importância no meio das artes e da necessidade de interagir

com o memorial de sua vida, novas expressões artísticas. A proposta seria fazer a impressão do corpo frente e costas em tecido linho / algodão crú. Recortá-lo em partes ou fragmentando-o pedaços, para remontá-lo em um formato de um livro do corpo.

A trajetória deste trabalho foi descrita através de palavras, histórias relatadas, escritas e bordadas no tecido, buscando referência nos relicários de José Leonilson Dias, o santo sudário e as performances de Fernanda Magalhães, e o livro de carne Barrio que oferecem temas privilegiados para o processo criativo na poética de Identidade / memória e a cultura de esquecimento. Atuando em dois importantes campos produtores e receptores de sentido: identidade e corpo através dos tempos. Com este trabalho pretende fazer uma análise da arte ou do fazer artístico de Leonilson Dias, e como objetivo desenvolver uma experiência criativa trabalhando a arte do corpo ou o corpo como relicário.

Neste processo o resgate da memória foi de suma importância, pois é necessário rememorar, ir em busca das raízes, das origens, do âmago da sua história.

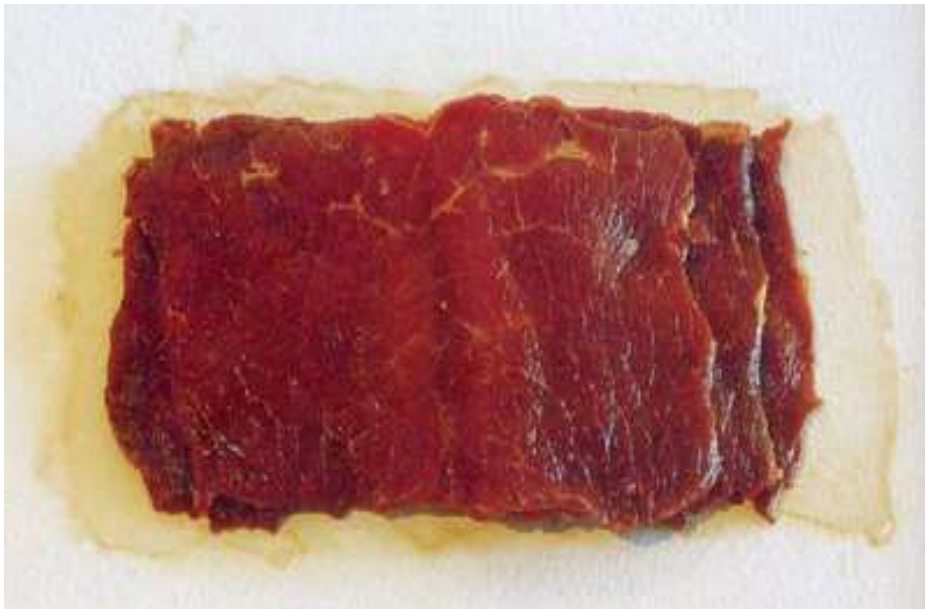
## **2 - CORPO E IDENTIDADE / MEMÓRIA**

O presente trabalho propõe desenvolver uma análise teórica a partir do desenvolvimento de um trabalho poético autoral que traz como referência Corpo, identidade e memória.

Esta abordagem se inicia a partir de Vera Beatriz Siqueira que em seu texto “Destinos da arte”: arte e cultura no mundo moderno e contemporâneo (2008) discute os embaraços das relações que se estabelecem, desde o século XIX entre as produção das obras de arte e a produção dos outros objetos, imagens e técnicas que constituem a cultura material. Segundo a autora, os conceitos e valores de diferenciação entre a arte e as demais produções tornaram-se cada vez mais duvidosos. O que acarreta em transformações nos parâmetros e definições da arte. Assim, conceitos que até então eram fundamentais para a definição de arte, como os de representação, autonomia, originalidade e unicidade, parecem ter perdido força, enquanto conceitos como expressão, apropriação, montagem, abstração,

sinuosidade, repetição, movimento e efemeridade foram ganhando importância no pensamento e na prática artística do século XX.

Essas transformações se deram à medida que o campo das idéias e das práticas da arte expandem e misturam-se às linguagens, técnicas e visualidades das diversas práticas culturais. A “ampliação do campo artístico” trouxe como mostra Siqueira (2008:01), uma maior complexidade às tarefas do juízo crítico e da reflexão sobre o valor artístico, mas nem por isso as tornou menos necessárias. Ao contrário, o questionamento dos conceitos e processos envolvidos no trabalho de arte, a busca por sua articulação histórica e o engajamento perceptivo – tanto de artistas e estudiosos quanto do público interessado – continuam a ser cruciais.



**Figura 01.** Arthur Barrio Livro de Carne (1978/1979).

Fonte: Cadernos Afetivos

Entre as práticas artísticas que exploram esses limites entre o que o público em geral entende ou não como arte, pode-se citar O “Livro de carne de Artur Barrio (figura 01), que rompe com a forma tradicional de fazer arte, pois trata-se de um trabalho que lida com a efemeridade do fenômeno artístico. Obras como as de Barrio mostram os limites entre o que é real ou irreal, sensorial ou intelectual,

objetivo ou subjetivo, individual ou coletivo, permanente ou efêmero, arte ou não-arte.

Permanente ou efêmero Barrio interessa-se pelas questões sociais, econômicas e o seu trabalho reflete essas preocupações. Desde os anos 60 o artista desenvolve uma prática artística experimental em relação estreita com o movimento neo-concretista. Seja através da caminhada sem destino que realizou sob o efeito de («4 dias 4 noites», 1970) ou um livro feito de carne fresca («Livro de Carne», 1978/79) o livro que se decompõe diante do público, passando pelas diversas «Situações», Artur Barrio procurou sempre a natureza da arte, a sua função, a sua forma e materiais. (BARÃO. Ana, pg.01, 2006).

Para este trabalho Barrio torna-se referência por produzir uma arte que faz do corpo o centro da sua produção artística, valoriza a experiência e não imagem ou o objeto, afeição pela relação direta com a vida, a estética do caos, a utilização de materiais efêmeros e precariedades elementares da vida cotidiana como o sal, papel higiênico ou sangue são alguns dos elementos usados por Barrio para tecer uma obra exemplar face às numerosas práticas artísticas atuais.

Para os Cadernos Afetivos (pg.03, 2008), a leitura do livro de carne se fez a partir do corte / ação da faca do açougueiro na carne, as fibras seccionadas, as fissuras, assim como as tonalidades e colorações diferentes, é preciso não esquecer de falar das temperaturas, do contato sensorial (dos dedos), dos problemas sociais. A introdução do orgânico de modo direto, sem maiores formalizações, dão uma dimensão vital à obra de Barrio, que deles retira toda sua conseqüência: onde há vida haverá morte, putrefação, transformação.

Outro artista brasileiro como referência para este trabalho é José Leonilson Dias (1957-1993), que de acordo com Bitu Cassundé (2008), constrói um percurso existencial, um verdadeiro arquivo de vida transformando sua produção em pequenos relicários, ou páginas de um diário, que vão ligando um módulo ao outro, vão tramando, amarrando, costurando, bordando retalhos. Elemento marcante nas criações de Leonilson, a palavra revela intimidades e mostra que o corpo é extensão da obra e a obra é uma extensão do corpo. Há um encontro entre corpo e obra, que se refere ao corpo ausente ou fragmentado, refletindo um procedimento metafórico para a construção do auto-retrato que se fragmenta em metonímias e relicários.

Leonilson imprime sua experiência, sua dor, divide com o seu espectador - um percurso difícil e corajoso o de desnudar-se de forma mais intensa.

Em sua produção os relicários relatam a experiência do olhar no processo poético e constitui uma imagem da morte é projetada para a obra, e a obra reflete a projeção de um corpo fragmentado, traduzido pelo gestual do bordado, pelos tecidos leves, sóbrios, por panos que até então recobriam aquele corpo e são transformados em suportes para novas experimentações, fragmentos de uma linguagem que se incorporam entre reflexos de vários espelhos, questionando paradigmas médicos e religiosos. Em Dias (1992), encontra-se também a referência ao corpo e a memória, o processo artístico como diário e relicário, o objeto de arte como extensão do corpo através da memória e do gesto. O corpo como morada do divino e do profano.

Em se tratando de peças ou objetos religiosos o Santo Sudário para Resende (2003), torna-se outra referência no trabalho, trata-se um pano de linho puro, que foi utilizado para envolver o corpo de Jesus Cristo após sua crucificação, antes que este tenha sido levado ao Santo Sepulcro. Mede 4 metros e 36 centímetros de comprimento por 1 metro e 10 centímetros de largura. Encontra-se hoje na cidade de Turim, na Itália. No tecido encontramos manchas de sangue humano, com as marcas do flagelo e suplício sofridos por Jesus de Nazaré. Este pano é a prova maior da existência de Cristo e do que este sofreu.

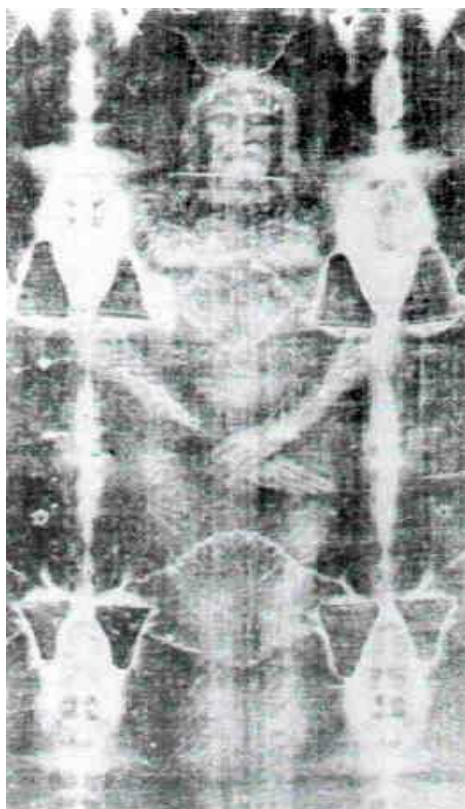


**Figura 02.** Santo Sudário.  
Fonte: José Resende (2003).

Resende (2003) expõe sobre o Santo Sudário sem que ocorra uma transformação em nossas vidas. Jesus, com todo o sofrimento vivido no Calvário e

registrado pela foto da Relíquia, surge numa imagem serena e majestosa. A imagem nos diz que Jesus morreu como Homem e ressuscitou como Divindade. Para os cristãos a fé brota no coração ao ver que Ele nos ofereceu todo aquele sacrifício. Ele reúne grandeza com serenidade, seriedade com doçura, justiça com igualdade, liberdade com fraternidade e silêncio com perdão. Nos fazendo acreditar que o amanhã será ótimo, mesmo sabendo que hoje está péssimo, e isso é o que se chama Fé.

O Santo Sudário ao longo de quase dois mil anos, passando por vicissitudes, percorreu extenso caminho. Essa idéia, comunicada de maneira sensacionalista em 1988, baseava-se numa única prova: a datação da relíquia, uma relíquia venerada em Bizâncio durante séculos. Para ocultar sua natureza de lençol mortuário, seus guardiões o dobraram e puseram num relicário, deixando visível apenas o rosto (figura).



**Figura 03.** Santo Sudário 313 d.c. 2000 anos.

Fonte: catolicaNet.com

Este relicário o Santo Sudário toma lugar de referência estética e poética por trazer a idéia de corpo como instrumento da imagem da trajetória do herói.

A trajetória do herói iniciou-se em uma prática onde a proposta era desenvolver um trabalho tomando como ponto de partida uma questão relacionada ao corpo, e que pudesse refletir os significados que atribuímos ao corpo. Refletindo a importância que o corpo tem nas artes visuais, não somente como tema e objeto, mas também como essência de sentidos que propicia todas as nossas experiências espaciais e temporais. Pensando nisso, vem a reflexão: qual a importância do corpo, conhecer o corpo, busca de uma identidade em um processo criativo em arte usando meu próprio corpo, onde se desenvolve uma poética sobre o próprio corpo impresso em um lençol, objeto este do contexto cultural do meu cotidiano.

O contexto cultural revivido neste processo criativo desenvolvido anteriormente tinha como questão O Corpo é Relicário, sofreu alteração. Porém após a apresentação deste trabalho sentiu-se a necessidade de estar avançando neste trabalho e que deveria focar a pesquisa no trabalho desenvolvido na prática realizadas durante o curso, considerado muito rico e produtivo. Esta alteração ou transformação ocorre quando observa-se o trabalho de Barrio, Leonilson e principalmente quando entra em contato com a prática da artista Fernanda Magalhães com o tema Corpo-Re-Construção (figura 04, 05, 06). Para Magalhães (pg. 02, 2008) reconstrói seu corpo desenvolvendo ações performáticas que são registros em lençóis e se transformam, em marcas, rastros de nossa passagem, como uma metáfora da vida, em rede e maleáveis, que se estendem, podem se tocar e se multiplicar, lençóis brancos entintados com fragmentos dos corpos e palavras impressas, as impressões dos corpos, deixadas nos lençóis, representavam as marcas que deixamos ao amanhecer.



**Figura 04.** Imagem da Performance Ação/ Ações.  
Fonte: Site Oficial de Fernanda Magalhães.



**Figura 05.** Imagem de Fernanda Magalhães Performance Ação/ Ações.  
Fonte: Site Oficial Fernanda Magalhães.



**Figura 06.** Imagem de Fernanda Magalhães Performance Ação/ Ações.

Fonte: Site Oficial de Fernanda Magalhães.

As imagens acima citadas (04, 05, 06) são exemplos das performances realizadas por Magalhães (2008), onde a reconstrução do corpo elaborado, é através de impressão dos corpos no tecido, principal suporte para a poética de construção deste livro.

Esta ação de Magalhães (2008) propõe um ritual, rastros de nossa passagem efêmera pela vida através do processo de criação e tendo a obra como suporte. Registrando essa efemeridade da vida a proposta que desenvolve na última prática pautou-se em impressões do corpo num lençol, ou seja, uma ação performática. Nesta impressão pinta-se o corpo, então o lençol era carimbado com o corpo, em seguida realizam interferências com palavras trazidas da memória.

No trabalho que desencadeou este processo os artistas referência foram:

- Candido Portinari série “Os Retirantes” com suas cores negras representam o corpo sofrido e melancólico;
- A obra “Etant donnés” de Marcel Duchamp, relacionando: a reflexão da obra - objeto, a construção imagem da mulher, apresenta contradições com a própria produção do artista e o erotismo escancarado em contraponto com o erotismo subjacente nas outras obras;

- Em Joseph Beuys a ação performática quando se pinta com simulado ouro;

No trabalho anterior, ainda faz referência a Oiticica, pois o lençol lembraria o Parangolé e também Leonilson com seus retalhos bordados e fragmentos de textos. A escolha desses artistas se deu por ambos criarem um forte vínculo entre as suas obras e a pintura na arte contemporânea – um tradicional meio de produção de memória visual – possibilitando investigar os desdobramentos dessas mensagens decifradas e descondicionamento da imagem como meio alternativo de se pensar o presente.

Percebe-se que os trabalhos de Leonilson, Fernanda Magalhães e Barrio oferecem temas privilegiados para desenvolver o processo criativo na poética de Identidade / memória e a cultura de esquecimento, atuando em dois importantes campos produtores e receptores de sentido: identidade e corpo através dos tempos.

O resgate da memória para BATISTA (2005, pg.01), é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo. Para isso é necessário que não deixem de rememorar ir em busca das raízes, das origens, do âmago da sua história, etc.

Esta história fica intensa “pela impressão do corpo no tecido, expressão do visível. Reflexo do corpo, da alma, personalidade, o aspecto de viver. O lençol que se transformou em livro é espelho corpo, corpo cheio de marcas, sentimento, sacramento, um relicário. No espelho me olho vejo meu corpo. Acontecimentos. Marcas da vida em um lençol uma memória revisitada”. (Clarice M. Dall Acqua, 2009).

Este trabalho desenvolvido inclui informações que levaram ao desenvolvimento deste projeto de conclusão, buscando resolver as inquietações a respeito da arte referente ao corpo. Este processo reivindica novos conceitos e novas leituras sobre o corpo como relicário, com a seguinte argumentação: De que maneira representar o corpo a partir de materiais expressivos, desenvolvendo assim uma poética do corpo, tendo como ponto inicial o corpo sagrado, um relicário, possuindo uma identidade construída na memória. Assim, construímos uma identidade através do corpo.

Todo relicário possui um lugar de memória ou um culto a memória para ser revivido, o relicário da artista plástica Celeida Fostes, é um galpão de arte e mantém-se vivo mediante seus próprios referenciais, ou seja, da criação a partir da memória ancestral. (MARTINS, 2006, pg.04).

Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo: um lugar de excesso que é o corpo, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.

Estas significações de uma passagem para a outra foram uma oportunidade onde mais pertencemos à matéria-prima de trabalho – o corpo, a identidade e à memória que tem experiência dentro de uma cultura, pois, cada cultura desenvolve uma forma de ver o corpo, o corpo como simbólico.

Quando falamos do corpo como simbólico, citamos Horn (pg. 16, 2006), onde escreve sobre a imaginação simbólica, sendo um aprendizado regulador das relações humanas, como valor ecumênico e equilibrador do universo. O desejo da vida, o impulso de perpetuar a experiência com o mundo, e de afirmar a identidade do indivíduo, recorre ao caráter simbólico do mito.

Batista (2005, pg. 03), cita o corpo como identidade cultural, o corpo é a identidade do homem contemporâneo. Durante séculos esta identidade esteve associada a valores morais e éticos. Hoje, o corpo se transformou num instrumento de afirmação pessoal. Exibido e consumido como linguagem, transformado, é expressão de si mesmo, destituído de pudor e inibição. Mais do que a representação de ideal de beleza, passa a ser suporte de diferentes linguagens não-verbais e instrumento de transgressão sociocultural. Essa construção da identidade ou identidades vai se moldando quando um determinado grupo se apropria de seus valores, manifestações perpetuando-os na sua história, passando de geração a geração. As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos (HALL, 2000, 109).

No que diz respeito ao vestuário Ana de Oliveira (2007. Pg. 05), tem a linha característica da roupa e do corpo atua, pois, conferindo ao sujeito, à coletividade,

modalidades cognitivas, pragmáticas e sensíveis que são fontes de aquisição de competências para poder e saber exercer um papel social. No incessante jogo entre continuidade e descontinuidade, variantes e invariantes, é que a imagem da aparência confere traços de qualificação que definem o sujeito no mundo.

Por esses caminhos, o entendimento da vestimenta de Oliveira (pg.05, 2007), como um dos mecanismos mais artificiosos da sociedade de consumo. Ao voltar-se para a compreensão da relação entre corpo e moda vestimenta como dois sistemas que, em seu processar articulado, têm mecanismos próprios de produzir sentido, o seu alvo é o entendimento de como o corpo vestido participa da construção do sujeito. A roupa não veste um suporte vazio, o corpo. O sentido de uma roupa se completa ao vestir um corpo, quando o corpo vestido assume a sua competência de produzir uma visualidade para o sujeito, mostrando pelos seus modos de estar no mundo, o seu ser.

Ainda Oliveira (2007, pg.09), ao vestir o corpo com essas variáveis se opera para fazer ser o sujeito a partir de suas aparências que podem assumir uma multiplicidade de estados ou enfatizar um deles. Esse traçado do conjunto de transformações da aparência do sujeito, ou de sua manutenção caracteriza-se por um duplo mover entre transformação e manutenção, da construção de identidade. Ainda ressalta-se que o corpo, visto como um cabide para as roupas que nele são penduradas, jamais ele se deixa cobrir por inteiro, pois certas de suas partes sobressaem-se das vestes, insistindo em fazerem-se visíveis através delas ou por elas. O corpo vestido sente o ajeitar do corpo às vestes, potência do corpo é reconstruída na potência da roupa, todos os atributos de um e de outro são sentidos e significados pelo próprio sentir, numa relação de suposição com o vestir-se para si, ocupa a posição de contrário, um ser que veste a roupa pelos seus fins práticos.

“O corpo fala por nós, somos aquilo que o corpo deixa transparecer. Ele ainda é mantido como sendo sagrado, santo, o corpo sendo uma relíquia, ou seja, o relicário corpo. O tema está diretamente ligado ao vestuário, o corpo se esconde ou deixa transparecer atrás de uma peça de roupa, então o lençol lembra proteção, o momento de descanso, paz interior, desejos, reflexões da nossa existência”.

Contudo, Oliveira (2007, pg.10), diz que a roupa cumpre o seu papel como ferramenta de vestir o corpo, ou o seu papel funcional de recobrir a nudez. Com o domínio do habitual, o sujeito tem um propósito que a roupa lhe permite realizar e,

assim, a roupa lhe presta um serviço e a relação entre corpo e roupa. Não chama a atenção nem para o corpo e nem para a roupa e o estado patêmico é o do corpo se sentir à vontade na roupa. Em oposição, a roupa valoriza o corpo, que se conforma ao simbolismo que a roupa lhe transfere. A aparência vestida do sujeito impera sobre a aparência do seu corpo, e é a roupa que faz o sujeito ser para o outro e para si mesmo, para seu próprio corpo, subjulgado que é pelo simbólico.

A vestimenta também é relacionada a tinta que cobre o corpo no momento da performance, lembro da adolescência tinha muita dor de cabeça minha mãe preparava um barro virgem<sup>1</sup> fazia em forma de emplasto colocando sobre a cabeça, bastava alguns minutos para a dor desaparecer e o emplasto virar tijolo, até outras funções medicinais o barro possuía e ainda possui. Como escreve Lagnado (1998, pg.120) no caso, das religiões primitivas, há um repertório de objetos, você pode pintar o corpo, fazer performance, tudo se liga a uma entidade superior. Então, quando uma pessoa está com febre, eles pintam o corpo dela de certa forma, para a cura este trabalho é guiado por esse sentido do que pelo valor estético.

Como um valor estético caracteriza uma “mulher um ser ‘feminista dialético’, com relação ao direito da mulher brasileira vivente na sociedade conservadora, patriarcal, retrógrada, de rígidos preceitos morais e sociais de viver, educar-se, sentir, amar, realizar-se social e emocionalmente. Um pequeno livro em branco, com algumas formas corporais fragmentadas tintadas onde se lê expectativas, e que se constrói a partir de sua identidade ligada a memória. Um registro que costura lembranças, mensagens inscritas, de onde emergem pensares que lentamente vai se delineando, um lugar da memória o corpo, o corpo como simbólico constituído a partir da memória e dos tempos desta vida memorial, o corpo é apenas uma metade de mim, a outra metade construímos com outros corpos que compartilhamos em nossas vidas”.

“Essas vidas que de um corpo nascem, crescem e se transformam; e morrem. Corpos hora vivem, hora sofrem hora penam, hora transpiram, emagrecem, engordam, adoecem, ocasiões buscam cura, em alimentos, outra em produtos químicos, drogas ejetadas destroem uma vida construída por tanto amor, ilusão ou não, por emoção”.

---

<sup>1</sup> Barro Virgem era uma terra tirada de uma mata ainda não mexida pelo homem, misturada com água formando o barro virgem.

“O corpo de uma mulher madura a vida nos concedeu e assim nos fez, doce ou atroz, não sou feroz... Eu caçadora de mim, de mim mesmo. Buscamos uma identidade, uma existência numa história vivida com o corpo. Qual o ideal desse corpo que tem a incumbência de sobrevivência sob pressão de conceitos, padrões de estética que a sociedade, a mídia, moda, um mundo consumista nos impõem. Uma existência, uma identidade tecida através do corpo em um livro”. (Clarice M. Dall Acqua, 2009).

“Um diário não escrito, mas montado. Pensamentos não registrados. Desejos, sonhos, mágoas. Há nessa inexistência, nessa ausência ou omissão, mais força que se tivessem as páginas cobertas de palavras. Construiu-se de distâncias, e é desse apagamento que brotam revelações. Ser do não ser. Existir em função da nossa identificação. Identificação esta que registramos em livros. É livro! É objeto! Torna-se livro objeto, livro imagem, livre imagem, é livro vivo! Corpo de mulher no ventre suporta, filtra e transforma os acontecimentos. Marcas da vida em um lençol, este lençol é o suporte e o lugar da minha memória o corpo”.

A memória possui vários momentos é o que descreve Lagnado (pg.101,1997), você usa o corpo como suporte da obra, seja através do simbólico da camisa que guarda sua presença registrada nas inscrições biográficas, seja no uso do espelho que mantém a memória. Por isso o corpo permeia todo o trabalho de Leonilson. A artista cita Merleau-Ponty, definindo que o corpo é a obra, eu não estou à frente de meu corpo, eu não dentro do meu corpo. A verdade é que eu, sou meu corpo.

Assim, Batista (2005, pg.08), descreve que a lembrança e o esquecimento estão intimamente ligados, a memória é uma constante reconstrução de fatos e acontecimentos que marcaram que tiveram um significado real e/ou simbólico, pois “quando lembram, lembra no presente, de acordo com as circunstâncias históricas que nos apontam as questões a serem buscadas no passado. Stuart Hall (1999, 48), afirma que: as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação. Sendo a nação construída, é uma comunidade simbólica e gera sentimentos de identidade e de pertença que não necessariamente tem de ser os limites geográficos que impõe essa nação. Partindo deste pressuposto que a memória é a faculdade de reter idéias ou reutilizar sensações, impressões ou quaisquer informações adquiridas

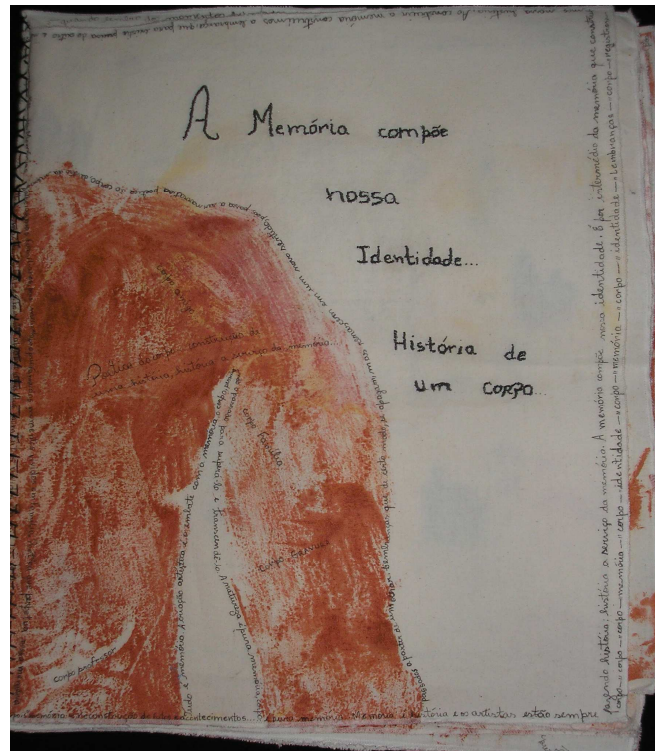
anteriormente como afirma o dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1989, 334), percebe-se que essa memória proporciona a lembrar da própria lembrança e não deixa que se apaguem as experiências adquiridas por todos envolvidos com aquele acontecimento.

A ligação entre memória e identidade é tão profunda que o imaginário histórico-cultural se alimenta destes para se auto-sustentar e se reconhecer como expressão particular de um determinado povo. A memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememoração, o que estará ligado à questão de identidade (SANTOS, 2004, 59).

Sendo assim rememorizada ela não se deixa cair no esquecimento e vai sendo refrescada constantemente, sendo grafada, narrada, ou tornando-se fonte-histórica, utilizando da memória social que é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história (LE GOFF, 1996, 426).

As escrituras declaram que o corpo é um templo. Foi o Próprio Jesus quem primeiro comparou Seu corpo a um templo. (Ver João 2: 21.) Mais tarde, Paulo admoestou o povo de Corinto, uma cidade iníqua cheia de todo tipo de lascívia e indecência: “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo”. TANNER. (2005, pg. 06), (I Coríntios 3: 16–17).

Já a palavra templo citado acima, para Leonilson é o corpo humano, segundo Lagnado. (pg. 100, 1998), é o único templo da gente, já que temos algo com Deus. As pérolas são as coisas boas, e o abismo é ruim. O livro construído não é uma pérola, nem um abismo, é um todo, um relicário do corpo é uma forma de exteriorizar sentimentos e a busca de uma identidade artística.



**Figura 07.** Imagem fotográfica do livro: Capa do livro, 2009.

Fonte: Autora

Ainda a Lagnado (pg.119, 1998), estar realizando este trabalho em busca de uma identidade artística, para Leonilson se define como uma espécie de cura ou uma forma de viver sem pensar na doença ou pensava com aparência otimista. “O trabalho ajuda, coloco toda a minha força. Ele não me deixa esmaecer. Fico fazendo os trabalhos como orações, da mesma maneira que os hindus fazem os bordados. É como a religião que fornece os símbolos. Acreditando neles, você pode chegar a algum lugar”.

## 2.1 - Corpo e memória no processo de criação

A construção deste livro foi num sábado onde se inicia a preparação da cor, misturando vários tons de vermelho e amarelo, unindo restos de tinta para formar a cor do todo de um corpo. A tinta pronta, começa-se a performance de tintagem do corpo em vermelho remetem ao sangue que corre nas veias de um corpo vivo.

Tintagem da frente e costas do corpo, em seguida o abraço ao tecido, o abraço delicado para a marca a impressão de um corpo onde a sua história é registrada. A performance não foi registrada o corpo estava aflito inconsciente no momento do processo de criação, não pensando sobre a ação performática. Após esta atuação renasce outro processo a montagem do livro: Identidade / Memória do corpo, retirar o lençol do varal que secava, pegando os primeiros raios de sol, transmitindo transparência e leveza de um corpo coberto de histórias. Essa transparência foi sumindo após a primeira dobra do tecido, a forma de dobrar o lençol. Um volume acumulado sobre a cama, em dobras, páginas de uma vida construída, uma carreira escolhida, ou melhor, conquistada. Cada dobra uma parte do corpo fragmentado, que antes era o todo agora não mais. (Ostrower, 1989, pg.131).

Para referenciar este processo de dobrar o livro, tem como base o trabalho de O Gigante com flores de Leonilson, um lençol dobrado, este lençol remete ao livro de muita intimidade. Os panos guardam o contato do corpo, ritos de passagens a partir do momento que o corpo deixa de existir, a memória inexistente.



**Figura 08.** Gigante com Flores, 1992. Bordado s/ lençol. Col. Projeto Leonilson. Fonte: Livro Memórias

Cama esta que tem intimidade, descanso, onde dois corpos se encontram, deixam marcas, registros aonde analisar o todo para ir em partes para remontar o livro memorável, um corte uma lembrança do que lembrar, dois cortes memória paternal, três cortes vida conjugal. Nestes cortes lembranças que perdem pelo pensamento vago, enfim, o espelho se quebrou, o que fazer para resolver, precisa-

se encontrar uma solução para estas incertezas, a arte não deixe de ser uma matemática de resolver problemas, porém, o que diferencia a exatidão e na arte há várias soluções para os problemas.

Como solucionar esta dúvida e do que por neste relicário para poder dar início ao processo criativo a idéia, proposta já tinha faltava os documentos, registro para compor a memória do corpo. Tirar tempo para fazer essas escolhas, ao folhear um álbum de fotos lembranças surgem, momentos alegres, tristes, coisas que queríamos esquecer apagar da nossa memória. Pessoas queridas que permaneçam em vidas, outras que se foram. Outras imagens ainda magoam ao recordar, o caminho percorrido não queria lembrar do momento que mais faz ou fez sofrer, pois não estava ali presente, participando daquele momento feliz, triste não importava queria fazer parte.

Enfim, a trajetória dos artistas que motivam a pesquisa, mapeam a vida, bem como o processo criativo de trabalho. Procuram trazer à tona as memórias do que essas pessoas realizaram junto com a existência e a importância que isso teve para a história da vida. Trata-se de um trabalho afetuoso um memorial da própria biografia, com as lembranças ora tão vivas, que são narradas por fatos marcantes desde a infância que teimam em se desviar pelos cantos da memória.

Os cantos da memória onde as experiências consistem nos acontecimentos em família estão presentes no memorial, ou seja, as memórias da família, as brincadeiras desde a infância, adolescência, juventude e hoje fase adulta. São as lembranças de saudade que meu pai nos deixou quando tinha 18 anos, um grande choque para todos da família, inclusive para mim, pois era o xodozinho do papai fazia de tudo para querer o meu bem, mas não era mimada, quando era não, era não. Outra grande pancada foi minha prima-irmã Simoni tem de uma jovem sofrida, debilitada pela doença “diabete” que a levou a morte, tendo nela a memória de um anjo.

Outros anjos aparecem no trabalho, mas um em especial é meu irmão caçula bem mais que um irmão um grande amigo, meu protetor aqui na terra e meu pai olha por mim do céu. Minha mãe uma guerreira esta sim, um corpo batalhador pela existência de seus sete filhos, que com suor cada qual longe, mas com sua profissão. Uma família que em minha memória permanece sempre unida, mas na

realidade está dispersa em cada canto do Brasil, a identidade desta raiz esta ameaçada pelo desencontro e desligamento.

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu (POLLAK, 1992, 202). (BATISTA, 2005, 08).

Em decorrência destas ações resultaram registros artísticos, um lençol impresso no qual se vê a imagem de um corpo de frente e um corpo de costas, e um terceiro corpo além de registros das marcas em manchas e linhas tintadas de sentimentos e emoções construídas em uma vida corrida, é família, trabalho, sociedade, conhecimentos aprofundados. Esta busca por representar a importância do corpo nas artes visuais, não somente como tema e objeto, mas também se estrutura-se a partir da experiência na realização de um trabalho artístico e das reflexões sobre esta vivência, resgatar a própria identidade através da memória.

A forma encontrada para fazer parte desses momentos não vivenciados, ou rememorar esses fatos, é centrada na elaboração de um livro sobre corpo e memória uma poética para o processo de criação.

Ostrower (1989, pg.53), compreende o processo criativo sobre o corpo todos os processos de criação representam tentativas de experimentação e controle, processos produtivos onde o homem se descobre, onde ele próprio se articula à medida que passa a identificar-se com a matéria. São transferências simbólicas do homem à materialidade das coisas e que novamente são transferidas para si.

Para o corpo sagrado, pelo qual tem imensa gratidão, tem limitações naturais. Algumas pessoas nascem com deficiências e algumas são doentes e sofrem a vida toda. Todos envelhecem e sentem o corpo ir gradualmente ficando mais fraco. Quando isso acontece, anseiam pelo dia em que o corpo ficará curado e perfeito. TANNER. (2005, pg. 07), diz que o corpo é nosso templo, tratam dessa dívida com muito cuidado, quando “a alma será restituída ao corpo e o corpo (...) à alma; sim, e todo membro e junta serão restituídos ao seu corpo”. Saibam que

podem sentir uma plenitude de alegria, que somente estará ao alcance quando o espírito e o corpo estiverem inseparavelmente unidos.

Este templo o corpo possuindo uma identidade em todas as fases da vida com palavras escritas bordadas sobre as imagens gravadas no tecido como: Quem é Clarice, descendência alemã, família cristã evangélica, possuindo certidão de nascimento, persistente, corajosa, que não desiste do que quer. Passam por rituais religiosos como 1ª comunhão e casamento, formaturas, carteira de identidade, depoimentos de marido, família, colegas e alunos.

“O Corpo como grande ventre, como um relicário. Preenchemos o vazio do lençol com meu corpo coberto de tinta. Com os sons que saíam de mim, mas não correspondiam a palavras, encontrei o silêncio, o silêncio de uma noite calma e escura, às vezes algumas palavras do meu amado que no alento que nos acalma, lembrando momentos significantes da época de namoro onde não tínhamos nenhuma intimidade, segundo a religião relações após o casamento. Naquele momento a nudez era vista pelo meu amado onde a intimidade, confiança era indispensável para que o sagrado relicário fosse construído”. (Clarice Dall Acqua. 2009).

OSTROWER, (pg.09, 1989), descreve o conceito de criar, criar é formar. Ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, a de relacionar, ordenar, configurar, significar, a forma que atribui a maneira de criar é o corpo. A poética se elabora no contexto cultural vivido desde a infância até hoje, se molda em uma realidade social, onde os valores culturais se moldam os próprios valores de vida. O ato de criar um livro corresponde a um formar, dar forma a um corpo, uma identidade. Uma identidade buscada em um processo de liberdade de criar, se soltar, são resultados espontâneos que o corpo transmite de forma emotiva, memorial.

O processo criador é visto como um processo de crescimento, ou seja, o poder criador do homem é a faculdade ordenadora e configuradora, a capacidade de abordar em cada momento vivido a unicidade da experiência e de interligá-la a outros momentos, transcendendo o momento particular e ampliando o ato da experiência para um ato de compreensão. (OSTROWER. Pg.132,1989).

As marcas ficam e se moldam ao corpo, mesmo que frágil, talvez pela suavidade, gesto do corpo, acredita que as coisas podem ser diferentes sendo fundamental para a sustentação da própria existência.

Este objeto de relevância pessoal e cultural o corpo representa as experiências significativas vividas nas relações familiares, onde a família era mais unida com visitas freqüentes. No inverno faziam doces juntos, a geada branquinha, gelava os pés, assim que o fogo era acesso e o sol aparecia, começava esquentar. A cana era moída e a garapa enchia os tachos para fazê-lo do açúcar-de-cana, melado, estes acontecimentos estão registrados na memória como lembranças agradáveis.

Registrar a identidade através do corpo traz lembranças, lembranças trazidas por imagens fotografadas, poemas escritos e recebidos, marcadas em um tecido, onde registramos a interioridade, a personalidade através de “objetos relíquias”.

Quanto ao objeto relíquia tomada como referência os objetos de Leonilson (1992), tiveram e tem a grandeza de relíquia. “Os objetos relíquias têm um poder especial. Falam não só através de sorrisos, seus trejeitos, seus olhos, mas também suas palavras, capazes de reatar um dialogo com o infinito” (HORN, pg.94, 2006).

Também HORN, (2006) chama de “objetos relíquias”, àqueles objetos que possuem a marca simbólica da pessoa que os utilizou, estes objetos carregam uma pequena história, também acontecimentos, uma lembrança, uma memória que é capaz de nos levar a uma viagem através do tempo.

Leonilson Dias (1992) singulariza e elege elementos que serão desenvolvidos até o final de sua vida: o “livro aberto” (figura 09). Este livro não deixa de ser um assemblagem de materiais, pois agregamos objetos pessoais (as fotos, palavras) de uma vida, a minha vida, a nossa vida, não posso excluir outros corpos que compunham a minha vida. Algo pessoal que cultuo como sendo especial sagrado. Esses materiais permitem nos descobrir um momento corpo para a arte, ou “um corpo para a superfície pictórica” como define Lagnado (pg.31,1998), para o conjunto de trabalhos de Leonilson.



**Figura 09.** Imagem fotográfica da Capa do Livro, 2009.

Fonte: Autora

Ainda Lagnado, pg.31, 1998, essas produções exploram uma cartografia sentimental, derrubando o ideal modernista, neurótico e obsessivo, que visava afastar toda e qualquer psicologia para criar uma arte nova, transformada em pura linguagem.

A linguagem aponta sua criatividade na conquista de um universo pessoal e afetivo, da impossibilidade da linguagem em dar conta ou repor a experiência do corpo, suas obras se armam como uma pele a coletar cicatrizes. Numa explicação sobre o corpo humano como lugar para o discurso da identidade, o meio pelo qual são revelados os temores e desejos registrados na carne e nas lutas com o real. (Lagnado, pg.194,1998).

Conforme Ostrower, (pg. 77, 1989), a criação deriva de uma atitude básica da pessoa. Não se trata de momentos singulares, momentos de inspiração, nem fora nem dentro do trabalho. Mesmo quando o interesse imediato centro no problema da expressão de uma experiência subjetiva emotiva.

Lagnado, (Pg.86, 1998), fala do encontro entre o corpo e a memória se faz quando revivem momentos de interação intimidade e proximidade, o corpo um “amor platônico” como dizia Leonilson. Os depoimentos, os negativos não atraem, com os positivos o corpo fica fascinado com elogios. Nestes elogios muitas vezes não observam o limite do corpo, só o físico, ou o mental, intelectual ou só o emocional. O corpo é consciente ou inconsciente, ele respeita as limitações, a memória consciente coordena o corpo, a sabedoria do corpo. O corpo hoje consome para o hoje, e a amanhã o que terá o corpo, somente alma, ou uma alma que vaga, ou um corpo que vaga pela memória.

Por essa razão, o processo de criar significa um processo vivencial que abrange uma ampliação da consciência; tanto enriquece espiritualmente o indivíduo que cria como também o indivíduo que recebe a criação e a recria para si. No ato criador, ambos se renovam de alguma maneira essencial para sua humanidade. (OSTROWER, pg. 134, 1989).

Algumas formas de corpo em gravura, o corpo impresso é gravura o suporte de minha gravura é o lençol e a matriz a ser trabalhada é o corpo, do qual intitulo corpogravura. O ato de criar um livro corresponde a um formar, dar forma a um corpo, uma identidade.

Os processos se identificam com a forma, ou os processos criadores são essencialmente processos formativos, processos que configuram palavras ou pensamentos, é preciso distinguir entre os componentes do processo e o processo em si; podendo ser de ordem verbal ou conceitual, mas o processo criativo intuitivo é sempre de ordem formal. (Ostrower, pg.68, 1998).

O corpo gravura (figura 10), agora é um corpo fragmentado, mas as marcas da gravura continuam presentes, como dizem as marcas nunca se apagam, ficando mais vivas no livro montado ascendendo as memórias em cada página do livro, a capa mancha em vermelho registra parte do corpo fragmentado o ombro esquerdo, ao lado palavras desenhadas A memória compõem nossa identidade, história de um corpo.



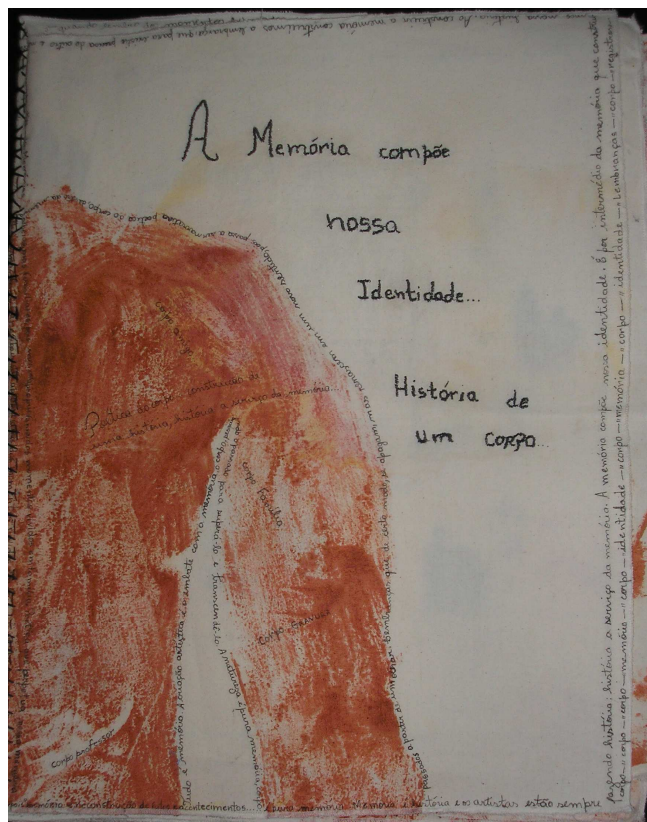
**Figura 10.** Imagem fotográfica do Corpo com marcas, 2009.

Fonte: Autora

Ostrower (pg.78, 1989), fala da história, história esta que tem consistência na experiência em um padrão referencial é um processo que continua pela vida afora. É um processo de memória e de conscientização. Permanece processo alterável, se amplia à base para se avaliar os fatos da realidade e os próprios conhecimentos que se adquire. É um processo simultâneo de subjetivação e objetivação, abrangendo valores pessoais e culturais e interligando o plano de expressão com o da comunicação.

Quando pensam em um espaço íntimo logo vem em mente o interior do corpo, um corpo que é nossa morada, esta morada sendo apresentada o lado direito do corpo na capa (ver imagem), despertando o lado direito do cérebro, e que apesar de toda a sua complexidade nos é agregado um valor sentimental e fundamental para nossa sobrevivência. A poética deste corpo quer estar em diversos lugares ao

mesmo tempo, sendo proporcionado através deste livro que descrevo algumas páginas.



**Figura 11.** Fotografia da Capa do Livro: Corpo Memória e identidade.

Fonte: Autora.

A primeira página inicia com o registro de nascimento (figura 12), para ser alguém, precisa-se estar registrado, só faltam criar o código de barra. Sem este registro não somos ninguém, não existimos, corretivo branco utilizado em algumas palavras de pessoas que não estão entre nós, seria necessário alguns conceitos em no registro, já o preconceito inicia na forma de registro em volta deste documento, escrevo algumas palavras como corpo registrado, tudo que é registrado tem valia, possuí uma identidade. Uma foto da infância com meu irmão Márcio de 1982, dias antes tirado o gesso da minha perna. A única fotografia colorida da infância tirada no fundo da casa familiar onde a brincadeira sempre existia.







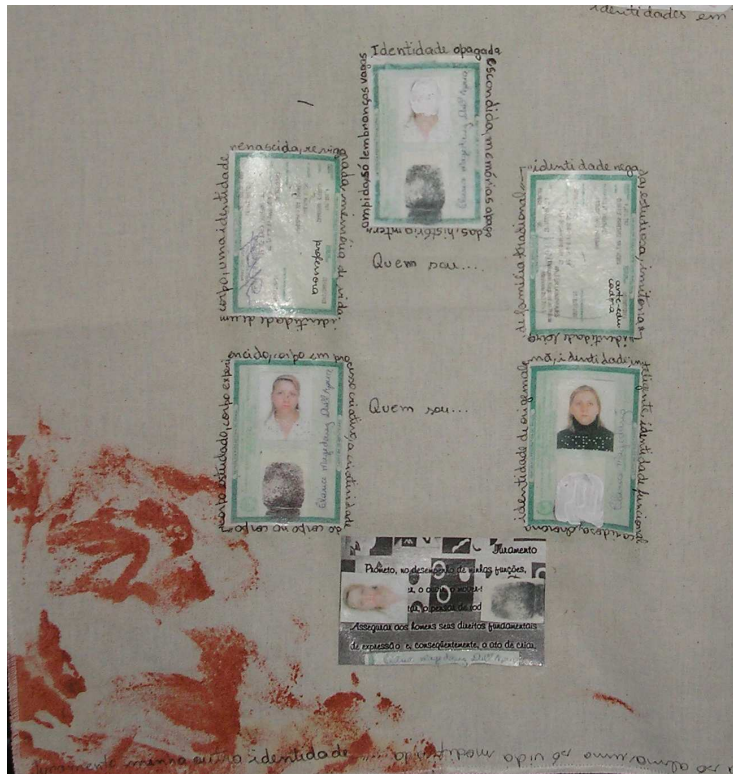


Figura 16. Imagem fotografada da Página sobre Identidade.

Fonte: Autora



Figura 17. Imagem fotografada da Página sobre Identidade.

Fonte: Autora

A personalidade da memória proporciona lembrar da própria lembrança e não deixa que se apaguem as experiências adquiridas corpo família (figura 18), corpo que quer ser mãe, corpos amigos, corpos jovens, corpos sonham em construir família, ter uma casa, corpos para as horas difíceis, horas alegres, corpos para todas as horas, corpo necessita de um mínimo de dignidade para viver. Corpos familiares, corpos de irmãos, corpo de mãe, corpo de irmão que protege corpos unidos numa família, familiares perto ou distante, uma palavra tão pequena, corpo, mas de uma importância extrema. O corpo está envolvido direto e indiretamente com outros corpos semelhantes ou não, conhecidos e desconhecidos.

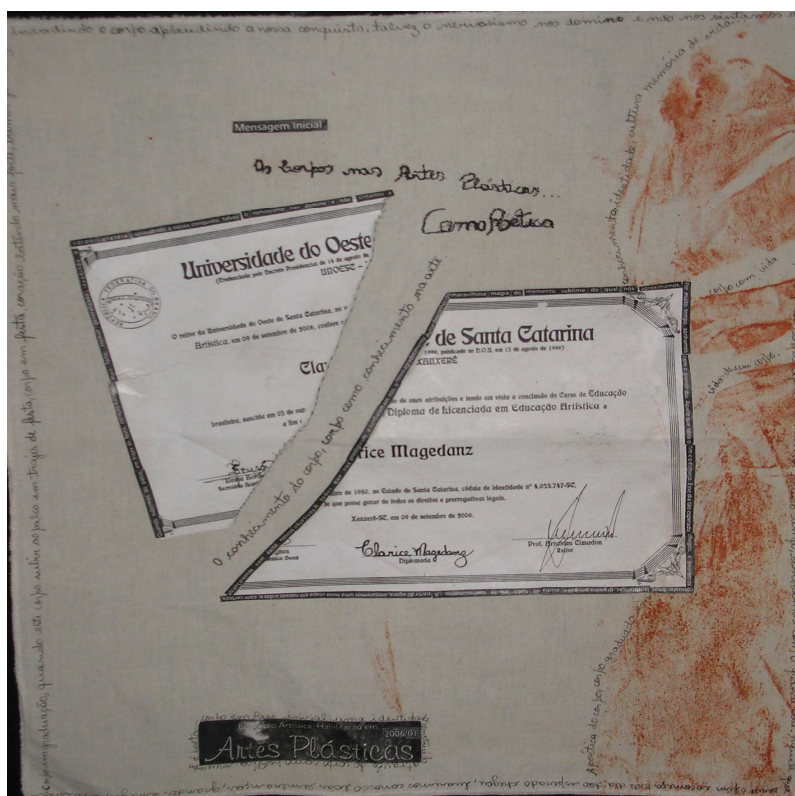


**Figura 18.** Imagem fotografada da Página sobre Corpos Familiares.

Fonte: Autora

Algumas páginas somente a mancha do corpo acompanhado de palavras grifadas, história mencionada. Em outra narra como iniciou minha vida profissional

(figura 19) com o curso de Ensino Médio, seguido do diploma, o juramento da graduação, o que é a arte ou o que a arte nos assegura o ouvir, o ver, o descobrir, o sentir, o gostar, o pensar o ato de criar. O ato de cria, de pensar e escrever sobre si mesmo, a arte nos proporciona encontro com nos mesmo, a busca do eu, eu objeto de estudo.



**Figura 19.** Imagem fotografada da página do corpo profissional.

Fonte: Autora

A repetição do juramento (figura 20) acontece, juramente este a um corpo não esquecendo da sua função perante a arte, o corpo está cansado, tenho forças sei que tenho, de onde arrancar forças para um corpo que sofre com a indisciplina de uns sujeitos, mas este corpo é paciente e ama o que faz o corpo, o amor a arte é mais forte do que qualquer indisciplina escolar.

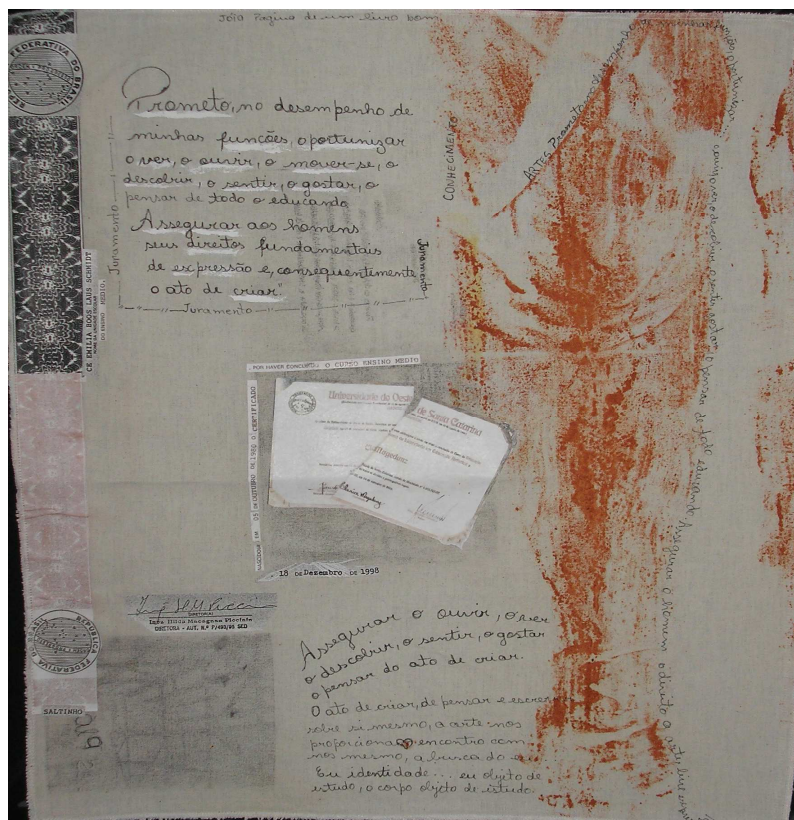
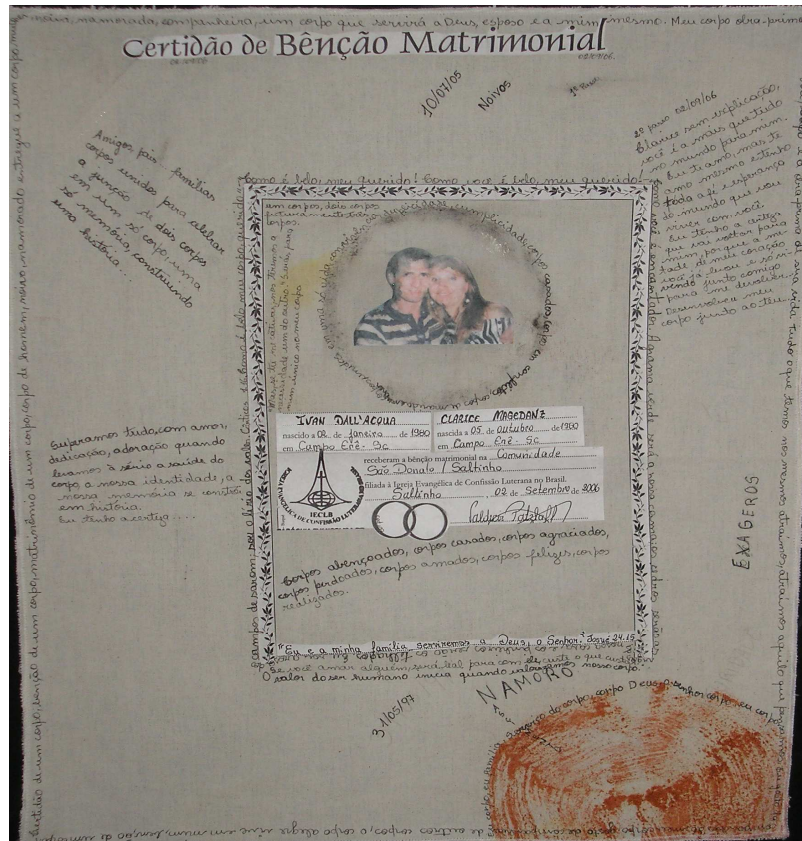


Figura 20. Imagem fotografada da página da repetição juramento.

Fonte: Autora.

Outro momento vivido pelo corpo é o matrimônio (figura 21), certidão de um corpo que se une ao outro corpo, alimentada fantasia de união eterna desde o namoro até este dia tão sagrado pelos pais. Corpos abençoados, corpos casados, corpos agraciados, corpos felizes e realizados, corpos amados, perdoados por ser tão pecador.



**Figura 21.** Imagem Fotografada da Página Matrimônio.

Fonte: Autora

O corpo vai-se desvanecendo, suas peças simplificam-se ao máximo, repetem-se ao máximo, repetem-se os mesmos ícones e o olhar interioriza-se. As metafóricas carícias e poemas de amor vão se tornando sussurros; a voz, melancólica e escassa vai-se apagando até extinguir-se. (MAM. 2003).

Neste corpo está gravado um poema, hino ao amor cristão (figura 22), ele poderia ter o dom de anunciar mensagens de todo conhecimento, entender todos os segredos deste corpo, poderia dar de tudo e até mesmo entregar o corpo para ser queimado. Mas, se eu não tivesse o amor, isso tudo de nada me adiantaria. Quem ama o corpo é paciente, bondoso, não é ciumento, nem orgulhoso, nem egoísta. Não guarda mágoas, mesmo uma mágoa pequena pode esvaziar parte da graça da vida, se a gente esquece de olhar para ela e remendar.



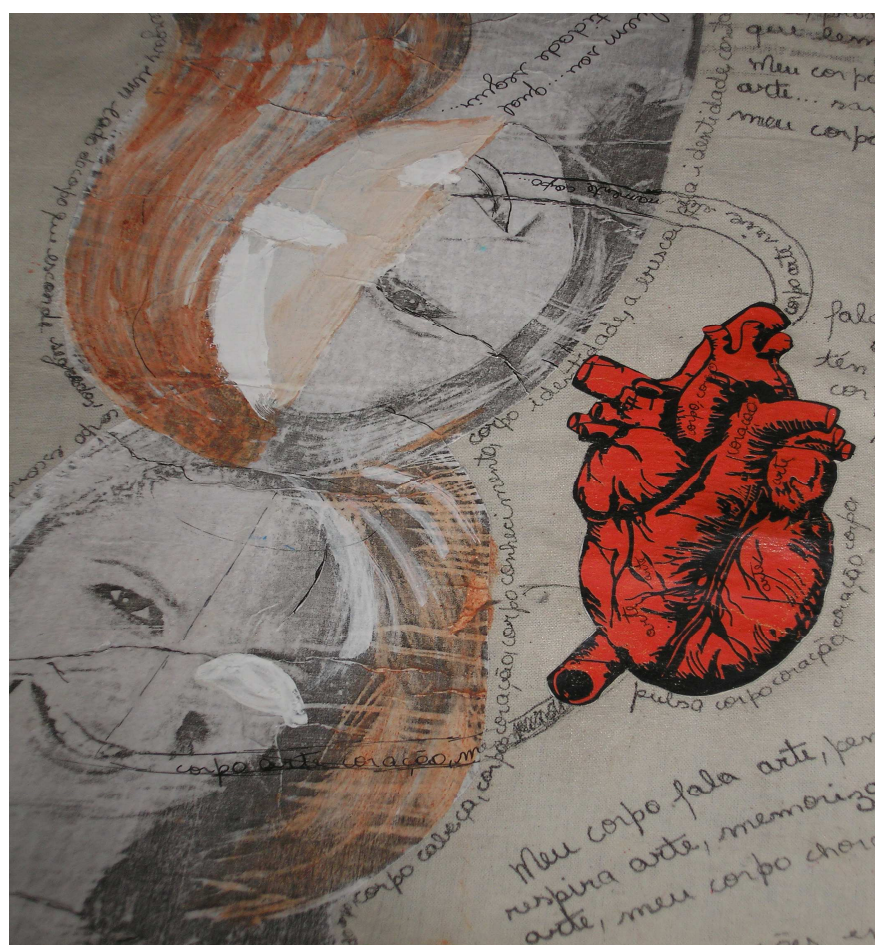
**Figura 22.** Imagem fotografada do corpo: Hino ao amor cristão.

Fonte: Autora

Vamos corpo, vamos ter calma com alguns elementos que não entende qual a tua função diante da arte tão essencial para qualquer ser humano. O corpo, hoje acordou inspirado, logo lembra se arruma vai para o trabalho, onde as reflexões enaltecem a labuta do dia-a-dia, peço à Deus que este corpo de professora e aluna tenha ótimo dia que acabará só as 23horas e 20minutos, quando o corpo retorna ao seu lar onde o repouso da cama o aguarda, depois de um banho quente tirando as impurezas que não bem vindas à saúde de um corpo. Ele começa outra rotina, o corpo de dona de casa, corpo de artista que fazem reflexões inspirados em convivências memorizadas em uma poética.

Com estas convivências memorizadas finaliza-se a poética com um autorretrato (figura 23), por tanto amor à arte a vida me fez assim corpo identidade sem medo da luta, uma parte do corpo o coração que é símbolo do amor. Este corpo amor é o coração, as veias pulsam conhecimento, memórias fazem esquecer o medo e a pressão de criar um símbolo. Na sociedade o artista só é reconhecido quando produz algo e prova que somos capazes de criar, ou somos artistas se

produzimos alguma coisa. A entrega foi total, de corpo e alma a este trabalho, resulta na motivação da liberdade em criar, onde o processo criativo partiu da pintura sobre fotocópia corpo face, metade corpo, metade face, tendo como referência a obra Rios de Palavras de 1987 (figura 24), de Leonilson Dias, um corpo nunca vive sozinho o auto retrato tem a companhia de um corpo coração seguida de reflexões como este corpo fala em arte por que um coração bate por este corpo, o sangue move o corpo a arte, as veias pulsam emoções, conhecimento, memórias.



**Figura 23.** Imagem Fotografada: Auto-retrato.

Fonte: Autora.



**Figura 24.** Rios de Palavras, 1987. Leonilson Acrílica sobre lona 196,0 x 103,0 cm.

Fonte: Livro de Lisette Lagnado: Leonilson: são tantas as verdades. 1998.

Superamos tudo em função de um amor a um só corpo, mesmo que seja o nosso corpo, o valor do ser humano inicia quando valorizam o corpo. O todo em partes, ou seja, o corpo em partes, um livro em partes, páginas que memoriza um corpo, uma vida. Tudo o que se tem, nos mesmos atraímos, atraímos aquilo que pensamos o corpo arca com as diversas variações. Meu corpo exercita arte, produz objetos que lembram arte, o corpo se alimenta de arte fazendo referência a arte.

Nesse sentido, Ostrower (pg. 79, 1989), fala de totalidades e partes, a definição formulada em 1925, por Max Wertheimer (1880-1943), “O todo é mais do que a soma de suas partes”. O todo não se torna quantitativamente maior do que as partes conjugadas, nem se acrescenta alguma substância secreta.

Esta substância secreta que se fala é o corpo que não é mais secreta, a memória foi revelada ao universo da arte. O relicário construído a partir da memória de uma identidade. Nascente memória que edifica-se coletivamente, não somos um só corpo, é o meu e do outro, corpo mas vários corpos em uma história, experiências pessoais história de família.

Uma história que Horn (pg. 93, 2006), descreve Kato, o artista partiu de suas experiências pessoais, de sua herança familiar para chegar a um mapeamento da memória coletiva de todos os lugares. Isto significa dizer que o âmbito pessoal se identifica com o coletivo e, ao entrar em contato com a obra o expectador, vive experiências que também precisam ser suas mesmo que seja de alegrias e de tristezas, necessitam ser suas. Tem-se este livro objeto como um relicário, uma relíquia que o corpo construiu partindo da memória e sua coletividade.

Quando falo do objeto relíquia tomamos referência os objetos de Leonilson que tiveram e tem a grandeza de relíquia. ““ Os objetos relíquias têm um poder especial. Falam não só através de sorrisos, seus trejeitos, seus olhos, mas também suas palavras, capazes de reatar um dialogo com o infinito ““. Horn (pg. 94, 2006). Ainda Horn chama de “objetos relíquias”, àqueles objetos que possuem a marca simbólica da pessoa que os utilizou, estes objetos carregam uma pequena história, também acontecimentos, uma lembrança, uma memória que é capaz de nos levar a uma viagem através do tempo.

Tempo este que não é apagado, pois os objetos relíquias estão mais vivos do que nunca na memória. Esta proposta em arte possibilitou-me a compreensão da forma de ver, sentir e fazer arte, os objetos que compõem esta poética é cheio de história pessoal que é construído ao longo desses 28 anos. A obra de Leonilson é composta por objetos vividos e carregados de memória. Mas, seus objetos não são a única referência de sua permanência e reconhecimento. Os objetos são, na verdade, parte narrativa de sua história, de sua trajetória de heróica. Horn (pg. 94, 2006).

Para a maioria dos críticos concorda que o conhecimento da trajetória pessoal dos artistas ajuda na compreensão de suas criações, mas entendem que essas devam levar ter valor como expressões autônomas. No caso de Leonilson, porém relacionar cada peça como uma espécie de cada capítulo de uma

autobiografia (Horn, pg.94, 2006), é não só uma postura pertinente com o fundamental.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para realizar esta pesquisa busca referenciada na proposta de Leonilson que bordava em pequenos pedaços de tecido, e também na artista Fernanda Magalhães que reconstruía o corpo pintado através da impressão em lençol, sendo possível desmistificar o pensar, o fazer, o criar artístico. O tema corpo memória identidade possibilitou um processo criativo a partir do meu eu, através do corpo.

Sensação de estar em um laboratório, manipulando, descobrindo o remédio da cura, a arte satisfaz o ego e me motiva para estar em busca de outros horizontes na arte, posso dizer que sou uma sonhadora na arte. Os trabalhos de Leonilson Dias(1992) transmitem isso, a fé pela cura ou encontrava a sua cura na arte, como dizia ele “meus trabalhos me ajudam, são um caderno de anotações, um diário. Acreditar em uma pessoa de vários lados por pretexto da curiosidade, estes trabalhos são frutos de uma curiosidade para descobrir materiais. Sinto-me como um cientista que fica no laboratório o tempo todo fazendo experiências”. (Ostrower, pg.128, 1998).

Este corpo é autobiográfico tendo bem mais histórias do que as que lembra conscientemente, a poética realizada foi uma atividade de ensino prático reflexiva, ou seja, ajuda a aprender a refletir na ação. ““ Aqui tenho que concordar com a professora Lucila, que durante as orientações falou” que não se pensa quando se cria e precisa-se de um distanciamento do produto, de um diálogo com a obra””.

A substancia secreta era o corpo que não é mais secreta, a memória foi revelada, desmistificada ao universo da arte e o relicário construído a partir da memória de uma identidade. Nascentes memórias que se edifica coletivamente, não são um só corpo, é o (meu) corpo e o corpo do outro, vários corpos em uma história, experiências pessoais história de família.

Parte das experiências pessoais, da herança familiar para chegar a um catálogo das memórias coletivas de todos os lugares. Isto significa dizer que o âmbito pessoal se identifica com o coletivo e, ao entrar em contato com a obra o espectador, vive experiências que também precisam ser suas mesmo que seja de alegrias e de tristezas, necessitam ser suas. Para mim este livro objeto como um relicário, uma relíquia que meu corpo construiu partindo da identidade da memória e sua coletividade. Possuí uma memória porque nascemos e cultivamos uma identidade em nosso corpo. Identidade esta modificada pela geração de um corpo embrião, finalizamos este processo poético como corpo mãe.

Quando falo do objeto relíquia tomamos referência os objetos de Leonilson que tiveram e tem a grandeza de relíquia. Os objetos relíquias têm um poder especial. Falam não só através de sorrisos, seus trejeitos, seus olhos, mas também suas palavras, capazes de reatar um dialogo com o infinito. Os “objetos relíquias” são os objetos que possuem a marca simbólica, estes objetos carregam uma pequena história, também acontecimentos, uma lembrança, uma memória que é capaz de nos levar a uma viagem através do tempo.

Tempo este que não é apagado, pois os objetos relíquias estão mais vivos do que nunca na memória. Esta proposta em arte possibilita a compreensão da forma de ver, sentir e fazer arte, os objetos que compõem esta poética são repleto de história pessoal que se constroem ao longo desses 28 anos. Agregando objetos vividos e carregados de memória. Os objetos são, na verdade, parte narrativa da história, da trajetória heróica pessoal.

Um livro autobiográfico é o resultado que obtive nesta pesquisa de valor sentimental e cultural.

#### 4 - Referências Bibliográficas

AFETIVOS. Cadernos. **Artur Barrio e suas Páginas de Carne** 2008. Disponível em: <[http://cadernosafetivos.blogspot.com/2008\\_12\\_01\\_archive.html](http://cadernosafetivos.blogspot.com/2008_12_01_archive.html)>. Acesso em 20 de abril 2009.

BARÃO, Ana Luiza. **Reflexões de Artur Barrio** Disponível em <<http://verbover.blogspot.com/2006/01/artur-barrio-rflexions-no-palais-de.html>>. Acesso em 02 de abril 2009.

BATISTA, Claudio Magalhães. 2005. **Memória e Identidade**: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do Turismo Cultural. Disponível em: <<http://www.ecoviagem.com.br/fique-por-dentro/artigos/turismo/memoria-e-identidade-aspectos-relevantes-para-o-desenvolvimento-do-turismo-cultural-1333.asp>>. Acesso em 21/04/2009.

CULTURAL, Itaú. 2005. **O Corpo Representado**. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd-pagina=1209>>. Acesso em: 20 de abril 2009.

HORN, Lucila Maria. **Mito de Artista O Discurso da Cultura**. UDESC. 2006

LAGNADO, Lisette. **Leonilson**: são tantas as verdades. São Paulo: DBA Artes Gráficas, Melhoramentos, 1998.

LAGNADO, Lisette. **Para quem não comprou a verdade**, 1997. Disponível em: <http://www.projetoleonilson.com.br/textos.php?pid=3> Acesso em 11 de abril 2009.

KLINTOWITZ, Jacob. (2007). **Leonilson: eis aí o meu coração**. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag60leonilson.htm>. Acesso em 01 de abril 2009.

MAGALHÃES. Fernanda. 2003/2008. **Corpo - Re - Construção / Ação – ritual / performance.** Disponível em: <http://www.fernandamagalhaes.com.br/recorpo.html>>. Acesso em 20 de abril 2009.

MAM. Catálogo de Exposição: Panorama da Arte Brasileira 2003: Desarrumado/19 Dessaranjos. Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2003

OLIVEIRA. Ana Claudia de. 2007. **Corpo e roupa nos discursos da aparência.** Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_198.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_198.pdf)>. Acesso em 24 de abril 2009.

OSTROWER, Faiga. Criatividade e processos de criação - 7ª ed. – Petrópolis, Vozes, 1989.

PATRICIA, Ana. 2008. Disponível em: <http://portalcot.com/reporter/o-santo-sudario/>>. Acesso em: 30 de março 2009.

RESENDE. José Humberto Cardoso. 2003. **Santo Sudário.** Disponível em: <http://www.santo.sudario.nom.br/inicial.htm>>. Acesso em 20 de abril 2009.

SENAC. **Pós-Graduação em Artes Visuais: cultura e criação 2008.** Disponível em: <http://www.rede.cursos.ead.senac.br/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=7184>>. Acesso em 18 de março 2009.

SILVA, Raquel Martins. **Trabalho de Conclusão de Curso: O Relicário de Celeida Tostes.** (2006). Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/cursos/bensculturais/teses/CPDOC2006RaquelMartinsSilva.pdf>>. Acesso em 19 de abril 2009.

SCHON, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre, RS. Editora Artmed, 2000

TANNER Susan W. **A Santidade do Corpo**. 2005. Disponível em:  
<<http://www.lds.org/conference/talk/display/0,5232,62-2-560-4,00.html>>. Acesso em  
24 de abril 2009.

MAGALHÃES. Fernanda. 2003. **Site Oficial**. Corpo Re-Construção. Disponível em:  
<<http://www.fernandamagalhaes.com.br/foto.html?foto=/acoes/acao3f.jpg>>. Acesso  
em 20 de abril 2009.

CATOLICANET. **Corpo Sudário**. Disponível em:  
<<http://www.catolicanet.com/images/sudario/corpo.jpg>>. Acesso em 30 de março  
2009.